

Aí vem o Febrônio!

Carlos Augusto Calil

Resumo: Em 1927, dois crimes hediondos abalavam o Rio: os corpos de dois menores foram encontrados em Jacarepaguá. O pai de um deles reconheceu Febrônio Índio do Brasil como responsável. Mulato e homossexual, o suspeito publicara no ano anterior *As Revelações do Príncipe do Fogo*, escrito no presídio de Ilha Grande. Seus supostos crimes estavam envoltos em aura de misticismo combinada com sexualidade infrene. Pelo menos quatro escritores se interessaram pelo caso: Blaise Cendrars, Prudente de Moraes Neto, Sérgio Buarque de Holanda, e Mário de Andrade.

Palavras-chave: Febrônio Índio do Brasil; Blaise Cendrars; Mário de Andrade; revista *Estética*

Résumé: En 1927, un double crime odieux secoua le Rio: les corps de deux mineurs furent découverts à Jacarepaguá. Le père du plus jeune identifia sur les fichiers de police Febrônio Índio do Brasil comme le responsable. Febrônio, métis et homosexuel, avait publié un an plus tôt «*Les révélations du Prince du Feu*», écrit depuis sa prison d'Ilha Grande. Les crimes qu'on lui reprochait étaient entourés d'une aura mystique mêlée à une sexualité frénétique. Quatre écrivains, au moins, se sont intéressés au cas de Febrônio : Blaise Cendrars, Prudente de Moraes Neto, Sérgio Buarque de Holanda ainsi que Mário de Andrade.

Abstract: In 1927, two heinous crimes shocked Rio de Janeiro: the bodies of two boys were found in Jacarepaguá. The father of one of them identified Febrônio Índio do Brasil as the responsible. A mulatto and a homosexual, the suspect had published in the previous year *As Revelações do Príncipe do Fogo* (*Revelations of the Fire Prince*), written in the Ilha Grande penal colony. His supposed crimes were shrouded in an aura of mysticism, combined with irrepressible sexuality. At least four writers have taken interest for the case: Blaise Cendrars, Prudente de Moraes Neto, Sérgio Buarque de Holanda, and Mário de Andrade.

Keywords: Febrônio Índio do Brasil; Blaise Cendrars; Mário de Andrade; magazine *Estética*

*Eis aqui, meu Santo
Tabernaculo-vivente
hoje dedicados a vós
os encantos que legaste
hontem a mim na Fortaleza
do meu Fiel Diadema Excelso.*

Essa é a epígrafe do livro de Febrônio – *As Revelações do Príncipe do Fogo* –, publicado no Rio de Janeiro em 1926 pelo próprio autor.¹

O livrinho de 68 páginas é constituído de invocações, em tom de oração, que principiam com “Eis-me”, em caixa alta, um *Ecce homo* em primeira pessoa. Assim começa o trecho, que encantou Blaise Cendrars e foi por ele citado no seu texto “Fébronio (*Magia sexualis*)”:

EIS-ME, ó pedras fieis do Santuário do Tabernaculo do Testemunho que há no Céu; já que, entusiasmadamente na paz do bem tem beneficiado a minha criação vivente; verificando-se no templo da fé a obra do testemunho; diante do meu Sacro-Santo-Throno-vivo; eis a caridade de um acto supremo, o Santo Tabernaculo vivo Oriente, apanhou entre os vivos de uma ilha o menino-vivo Oriente, o herdeiro de uma trombeta–viva que, scientifica tocando sem descanço noite e dia, a existencia do seu eterno companheiro vindo do sol nascente; ...

Essas invocações acompanham um laborioso processo de autorreconhecimento e libertação, uma verdadeira construção do Eu, no plano mítico, por um mulato pobre, muito inteligente, marginalizado, cumprindo pena no presídio da Ilha Grande. Eis o próprio relato de sua redenção divina:

...o bramido poderoso de uma voz vivente, o Santo Tabernaculo-vivo Oriente

1. [BRASIL, Febrônio Índio do]. *As Revelações do Príncipe do Fogo*. Publicado sem indicação de autor pela editora Monteiro & Borrelli, exemplar presente no Fundo Mário de Andrade, do Arquivo IEB-USP, e em versão digitalizada disponível na URL: <http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/MA/Media/MA585-1.pdf>.

reconheceu entre as muralhas de uma ilha encarcerado [presídio de Ilha Grande], o menino-vivo Oriente, o herdeiro de umas harpas-vivas que cantam sem descanso noite e dia dizendo que é voltado o anjo-vivo do monte-santo...

Em seu livro, Febrônio se descreve como “pobre aldeão”; “humilde órfão”, “pupilo peregrino”, “o justo profetizado e amigo chegado...”, finalmente remido pelo “carinho de um pai piedoso”:

...eis a maior prova de uma gratidão imensa, o Santo Tabernaculo-Vivo Oriente, buscou entre os homens mais infelizes, o menino insignificante de valor tão precioso...

Quem era esse “menino insignificante de valor tão precioso”?

Febrônio nasceu em São Miguel de Jequitinhonha, ainda hoje uma das regiões mais pobres do país. Segundo filho de Teodoro, conhecido por Teodorão, açougueiro, entre outras profissões, que bebia e espancava mulher e filhos. A mãe, Reginalda, foi por Febrônio renomeada de “Estrela do Oriente” e inscrita, em seu livro, no corpo do texto da oração “Salve Rainha”. Febrônio fugiu de casa aos doze anos, acompanhando um caixeiro-viajante. Viveu em Belo Horizonte antes de chegar ao Rio de Janeiro.

Os nomes de Febrônio são muitos: Febrônio Índio do Brasil, vulgo Tenente, Teborde Simões de Matos Índio do Brasil, Fabiano Índio do Brasil, Pedro de Sousa, Pedro João de Sousa, José de Matos, Febrônio Simões de Matos, que provavelmente era seu nome de batismo. Também usou ele o nome de Bruno Ferreira Gabina. Apesar da afirmação de Pedro Nava, que o reconheceu como “um puri com maior cruz de branco, o que o fazia um tipo claro”,² Febrônio era cafuzo e a adoção do sobrenome “Índio do Brasil” tinha o intuito de valorizá-lo socialmente.

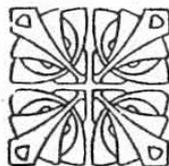
Em agosto de 1927, dois crimes hediondos abalavam a capital federal. Os corpos de dois menores – Alamiro Ribeiro e João Ferreira – foram encontrados na ilha do Ribeiro, em Jacarepaguá. Tinham dezessete e onze anos. Morreram estrangulados. O pai do menino reconheceu no arquivo da polícia Febrônio Índio do Brasil como sendo o responsável. Eis a crônica desses crimes segundo a reconstituição no processo:

2. NAVA, Pedro. *O círio perfeito*. Memórias 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 365.

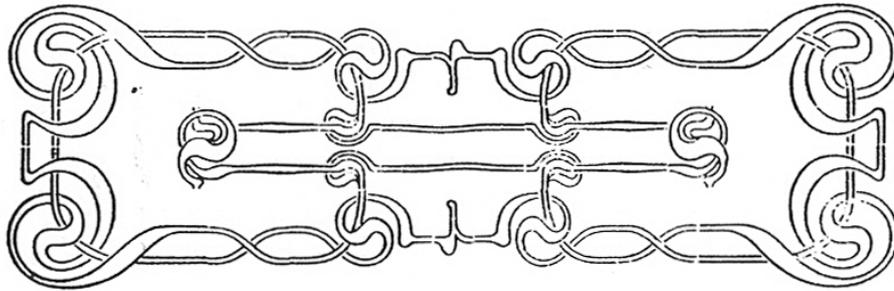
As Revelações

do Príncipe

do Fogo



RIO DE JANEIRO
Pap. e Typ. Monteiro & Borrelli
RUA S. PEDRO, 179
1926



EIS-ME, ó pedras fieis do Santuario do Tabernaculo do Testemunho que ha no Céu; já que, enthusiasmadamente na paz do bem tem beneficiado a minha criação vivente, verificando-se no templo da fé a obra do testemunho; deante do meu Sacro-Santo-Throno-vivo; eis a caridade de um acto supremo, o Santo Tabernaculo vivo Oriente, apanhou entre os vivos de uma ilha o menino-vivo Oriente, o herdeiro de uma trombeta-viva que, scientifica tocando sem descanso noite e dia, a existencia do seu eterno companheiro vindo do Sol nascente; neste Luzeiro benigno de virtude santa chegado, d'este fiel anjo-vivo na Puridade encarnado, recebem, o premio da benção divina; accrescentar-vos-hei côres lindas, dar-vos-hei varias formas de construcções legar-vos-hei diversos bens, augmentar-vos-hei os seus thesouros; no Santuario do Tabernaculo do Testemunho que ha no Céu entrou a Pedra-viva do monte-santo arrancada, sem ser por mão de homem trabalhada; eis aqui, ó pedras fieis, o que, o Rei dos archanjos annuncia-vos; sois bemditas desde a mais insignificante até a rocha mais elevada.

Eu, o Real Principe dos Principes Oriente, o Filho das Pedras-vivas do Santuario do Tabernaculo do Testemunho que ha no Céu; o que, testifico e dou testemunho d'esta grande bemaventurança.

PRIMEIRO CRIME

Em 13 de agosto de 1927, Febrônio seguia pela estrada que liga Jacarepaguá à várzea da Tijuca, em demanda da ilha do Ribeiro. No lugar denominado Marimbeiro, à frente da porta de uma casa encontrou um menino. Entabulada a conversa, o menino disse a Febrônio que o tio, de nome Alamiro, estava precisando de emprego, e, a seguir, convidou-o a entrar. Apresentado a Alamiro, Febrônio disse-lhe ser chofer da Empresa de Auto-Ônibus do Lopes e andar à procura de alguém para empregado dessa companhia. A empresa ia estabelecer uma linha de ônibus do Leblon até a Porta d'Água, tendo, assim, de passar por ali, e Alamiro teria como emprego tomar conta de um depósito de material que devia ficar próximo da sua residência.

Febrônio foi convidado a jantar, e aceitou. Em seguida, propôs a Alamiro acompanhá-lo até a sede da empresa de ônibus. O dono da casa alegou ser tarde demais para seguirem, mas Febrônio replicou que Alamiro tinha que “assinar um papel na empresa” e que a linha de ônibus devia começar a funcionar na segunda-feira. Dirigiu-se com Alamiro pela estrada da Tijuca afora, andando a pé até defrontar-se com a ilha do Ribeiro, embrenhando-se na mata, já noite alta.

Escolheu um local para se deitar, cobrindo o chão de folhas secas. Tirou a seguir a roupa e, com uma faca, obrigou o menor a despir-se, e em seguida a deitar-se. Alamiro resistiu e iniciou-se uma luta. Foi, então, que Febrônio, segurando Alamiro pelo pescoço, o teria estrangulado com um cipó que foi encontrado pelos peritos legistas ainda em volta do pescoço da vítima.

SEGUNDO CRIME

Em 29 de agosto de 1927, Febrônio encontrou na ilha do Caju, à porta da casa número 4, o menor João Ferreira, com quem começou desde logo a conversar, oferecendo-lhe uns doces e propondo-lhe um emprego como copeiro em uma casa de família, na avenida Pedro Ivo. Chegando a mãe do menino, este a informou da proposta que acabava de receber. A mãe não a teria aprovado, ponderando, entre outras razões, ser ele ainda muito criança para se empregar tão longe. Febrônio, persuasivo, conseguiu vencer as resistências maternas. A mãe, porém, exigiu que fossem obter o consentimento do pai, procurando-o na oficina onde trabalhava.

Na companhia de Febrônio, o menino João dirigiu-se à praia do Retiro Saudoso, onde o pai trabalhava. Apresentou-o Febrônio, que ao pai se dirigiu, dando o negócio do emprego como definitivamente combinado com a mãe de João, que pedira apenas que dele fossem dar-lhe ciência. O pai teria feito algumas perguntas sobre a casa em

que o filho iria se empregar e acabou por concordar com a proposta. Voltando para casa, no final do expediente, o pai interpelou a esposa sobre o negócio do emprego e, como esta desmentisse ter dado qualquer consentimento, ele desconfiou da situação e imediatamente passou a procurá-los, dirigindo-se à avenida Pedro Ivo. Aí chegando, percorreu, em vão, todas as casas e, não encontrando o filho, foi dar queixa à polícia.

A imprensa reagiu aos crimes com estardalhaço. Algumas manchetes ilustram o clima de pânico que se apossou da cidade: “Um crime hediondo na ilha do Ribeiro”, “Estrangulado no ermo da mata”; após a identificação do seu autor: “Febrônio e seus revoltantes crimes”, “O crime de um degenerado”, “Os crimes do celerado que se diz ‘Filho da Luz’”, “As monstruosidades de um bandido”.

As investigações da polícia foram acompanhadas de perto pela imprensa. A confissão de Febrônio teria sido arrancada com violência. O dossiê criminal de Febrônio cresce então assombrosamente: escroque, teria criado uma companhia fantasma, a “União Brasileira”, com o objetivo de prestar assistência médica, farmacêutica e funerária. Certa vez cozinhou uma cabeça humana numa lata de banha, para obter um crânio necessário às suas experiências de tiradentes. Tornara-se suspeito do assassinato de Bruno Ferreira Gabina, um dentista que desapareceu sem deixar rastros.

Os elementos emocionais e fatuais para a criação, pela imprensa e pelas autoridades, do monstro social, do inimigo público número 1, estavam à mão e foram estudados por Gláucia Soares Bastos em sua dissertação de mestrado, infelizmente inédita, intitulada *Como se escreve Febrônio*.³ Nela recolhemos uma nota publicada na revista *Fon-Fon*, de setembro de 1927, reveladora do exacerbado estado de espírito que se apossou da imprensa da época:

Eu sou Filho da Luz

Este é o dístico que traz tatuado no peito um criminoso repelente que nestes últimos dias ocupou a atenção dos jornais. Monstro sem piedade, sem nada de humano a não ser, infelizmente, a forma, esse desgraçado se diz adepto de uma religião especial [...]

3. BASTOS, Gláucia Soares. *Como se escreve Febrônio*. Dissertação de mestrado. Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1994.

Filho das trevas, comparsa do Maldito, diz-se Filho da Luz. Sempre assim o mal macaqueia o bem e o diabo tenta imitar a Deus. Quem sabe esse repugnante celerado não é sua vítima da Magia Negra que campeia por aí, do baixo espiritismo, dos candomblés, enfim dum satanismo torpe que sujos charlatães exploram?...⁴

A demonização de Febrônio, mulato, pobre e homossexual, facilitava o trabalho da imprensa, que vendia jornais como nunca, ao noticiar em edições vespertinas e matutinas as peripécias desse estranho personagem. Febrônio foi transformado em objeto de estudos de observação de cientistas e autoridades, sempre a pedido de *O Jornal*, diário que pertencia a Assis Chateaubriand e era dirigido por Rodrigo Melo Franco de Andrade, escritor bissexto e excessivamente discreto, que se tornaria diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Um desses estudos foi elaborado pelo dr. Leonídio Ribeiro,⁵ eminência da medicina legal, defensor da universalização da carteira de identidade que, como o relógio de pulso, é uma das raras contribuições nacionais ao progresso da humanidade. O seu estudo, embora convencional, apoiado nas teorias deterministas do século XIX, capta com frescor o único depoimento desarmado de Febrônio, em que revela os seus sonhos, pois ainda não conheceu todas as agruras da inquisição policial ou psiquiátrica.

OS SONHOS DE FEBRÔNIO

Em um lugar ermo vi aparecer uma moça branca de cabelos louros e longos, que me disse que Deus não morrera e que eu teria a missão de declarar isso a todo o mundo. Deveria nesse propósito escrever um livro e tatuar meninos com o símbolo D.C.V.X.V.I., que significa Deus vivo, ainda que com o emprego da força.

Vi um dragão, um monstro enorme, de cabeça comprida, coberto de pelos longos de cor vermelha de fogo que, ao começo, procurou conquistar-me, oferecendo dinheiro, glória, colocações, se abandonasse a missão de que fora incumbido e não escrevesse o livro;...

4. “Eu sou filho da luz”. *Revista Fon-Fon*, n. 37, setembro de 1927, p. 54. In: BASTOS, Gláucia Soares. *Como se escreve Febrônio*, op. cit., p. 69.

5. RIBEIRO, Leonídio. “Homossexualismo e endocrinologia”. In: *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, n. 14. Rio de Janeiro, 1937.



FEBRONIO

Vê-se no seu peito, em tatuagem, a inscrição — EIS O FILHO DA LUZ. Mais abaixo, estão as letras VX, que fazem parte do distico DCVXVI, de seu credo reliigoso.

Apareceu-me aquela mesma moça branca de cabelos compridos, que me mandou adquirir uma espada para lutar com o dragão. [...] O dragão transformou-se num boi, que logo que me vê procura alcançar-me e matar-me. Quando o avisto, trato de pular a uma árvore. Sinto que a árvore cresce, quando ele se aproxima, e diminui quando se afasta.

Este estudo traz também uma poderosa revelação, na contribuição do dr. Murilo de Campos, jovem médico psiquiatra, convidado a observar Febrônio pelo medalhão Leonídio Ribeiro. Murilo de Campos, que irá assinar no ano seguinte, 1928, a ata da fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise, nessa matéria⁶ faz um resumo circunstanciado das ideias de Freud, isso em jornal de grande circulação e no meio de reportagem sobre o assunto mais em voga na cidade. Fala de evolução do instinto sexual, libido, perversão sexual, sexualidade infantil, teoria sexual das neuroses.

Nas perversões o indivíduo não opõe resistência à satisfação de suas tendências, não tem mesmo grande embaraço em confessá-las, ao passo que nas neuroses há, pelo contrário, forte recalçamento e, como consequência, privação da possibilidade de satisfação de sua libido.

Nesse ensaio, vemos claramente a convivência então possível entre as teorias positivas da psiquiatria e da psicanálise emergente. Nas fotografias de Febrônio que acompanham o estudo dos dois médicos são destacadas a sua ginecomastia (seios desenvolvidos) e a sua escoliose. Todas as medidas da antropometria aí comparecem para provar – ou insinuar – que o tipo físico de Febrônio tornava-o propenso à degeneração. Foi enfim classificado de “tipo displásico de Kretschmer”.

O laudo que a justiça encomendará ao dr. Heitor Carrilho, e que será desenvolvido por esse psiquiatra durante todo o ano de 1928, apresenta as mesmas características. Nele todas as teorias são invocadas, não importa sua origem ou ideologia, desde que sirvam para estigmatizar o paciente, levando no limite ao seu recolhimento no Manicômio Judiciário, evitando a sentença do tribunal. Em termos práticos, tal procedimento equivalia a condenar, sem julgamento, Febrônio à prisão perpétua. Na

6. CAMPOS, Murilo; RIBEIRO, Leonídio. “O caso de Febrônio perante a psiquiatria”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 15 out. 1927. In: BASTOS, Gláucia Soares, op. cit., pp. 56-57.

verdade, ele foi recolhido ao manicômio em 1929 e de lá saiu morto em 1984. No laudo⁷ referido comparece até mesmo a psicanálise, seja via citação do parecer do dr. Murilo, seja por iniciativa do próprio Heitor Carrilho.

A fantástica imaginação do nosso examinado se manifesta também nos seus desenhos. Sabe-se a importância que possuem os desenhos, tal como os sonhos, na apreciação de possíveis conflitos psicológicos dos seus autores, por isso que, como pretendem os psicanalistas, esses documentos podem refletir e mesmo representar reminiscências de traumas afetivos e sexuais vividos na infância. Assim, pensa-se que eles constituem um caminho para a sondagem do inconsciente e valem por uma exteriorização curiosa de ideias recalçadas e relegadas para as profundezas do inconsciente, responsáveis, não raro, pelas manifestações psiconeuróticas, senão também pelos desregramentos dos instintos.

À luz da *Medicina legal dos alienados*, de Kraft-Ebbing,⁸ Heitor Carrilho procurou responder à questão: Febrônio praticava seus crimes por vício de perversidade ou padecia de moléstia da perversão? Eis a conclusão a que chegou, inclinando-se pela segunda hipótese:

Febrônio I. do B. é portador de uma psicopatia constitucional caracterizada por desvios éticos revestindo a forma da “loucura moral” e perversões instintivas, expressas no homossexualismo com impulsões sádicas – estado esse a que se juntam ideias delirantes de imaginação, de caráter místico.

Com a força suasória desse laudo, o juiz, mesmo contrariando as ponderações do promotor, mandou encerrar Febrônio no Manicômio Judiciário, onde se tornaria refém do dr. Heitor Carrilho, como bem demonstraram Francisco Caminha & Virgílio Mattos, no estudo “Contra as trevas dos iluminados, o Filho da Luz”. Febrônio tentou por várias vezes rever a sua sentença, diretamente, ou por intermédio do irmão. Sua liberdade sempre lhe foi negada; considerou-se que sua moléstia não apresentava regressão, apesar de ter o paciente sido submetido aos choques de Cardiazol e aos eletrochoques, que acabaram por emasculá-lo.

7. CARRILHO, Heitor. Laudo do exame médico-psicológico procedido no acusado Febrônio I. do Brasil. In: *Archivos do Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro*, ano 1, 1930.

8. KRAFFT-EBING, Richard von. *Medicine Légale des aliénés*. Paris: Octave Doin, 1911.

O homem que eu, nos anos 1970, e no decênio seguinte Márcia Cezimbra (repórter de *O Globo*), Peter Fry (autor do ensaio “Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei”)⁹ e Sílvio Da-Rin (diretor do filme de curta-metragem *O Príncipe do Fogo*)¹⁰ conhecemos era uma melancólica sombra do temível Febrônio. Não dizia coisa com coisa, mas mantinha o desejo de evadir-se. Pagava com um saco de dinheiro a quem o levasse de volta à avenida Central...

O EVANGELHO SEGUNDO FEBRÔNIO

O livro de Febrônio foi publicado em 1926, e escrito no presídio de Ilha Grande. Da capa não consta o autor, o que dificultou a sua identificação em meio à biblioteca de Mário de Andrade. Febrônio “não o assinou, pois não o movia a vaidade da autoria, mas apenas os objetivos da sua missão”.

Em suas 68 páginas, encontramos cerca de sessenta invocações, dirigidas ao Deus de Abraão. No momento de ver testada a sua obediência ao Criador, quando se preparava para sacrificar o filho amado, ao apelo do anjo Abraão respondeu: “Eis-me aqui”. É com essa alocução “Eis-me” que Febrônio, irmão de Abraão, dá início às suas invocações em feitio de oração. Inspirado em Isaías, Daniel, no Apocalipse, no Gênesis e nas epístolas de São Paulo, o texto de Febrônio é um delicioso pasticho, de que o trecho seguinte dá testemunho pela voz do ungido:

...quisera os anjos a outro o teu mando dar; eu, o viandante da tua missão, o selo do teu livro, o abatido do teu apraz, o ungido do teu incenso, o diploma do teu voto, o anjo da tua trombeta, o pobre do teu arraial, o inocente de tua guarda, o mensageiro do teu sonido, o decreto do teu édito, os olhos de tuas pálpebras, o adorno da tua morada, o teor do teu ofício [...] o órfão da tua dor, o escravo da tua justiça, a lágrima de tua

9. FRY, Peter. “Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei”. In: VOGT, Carlos et al. *Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

10. O PRÍNCIPE DO FOGO. Direção: Sílvio Da-Rin. Produção: Lumiar Produções Audiovisuais Ltda., Rio de Janeiro, 1984. 35mm, BP, 11 min., son. Disponível na URL: <http://www.youtube.com/watch?v=KbrSJ3ZQO8A>.

misericórdia, o bramido da casa Oriente, a boca no teu grito, o gemido do teu encanto, o cativo do teu carinho, o manifesto da tua frase, o bafejo do teu hálito, o hino do teu louvor, a fadiga das tuas entranhas, o voo do teu segredo [...] o pequenino herói da tua grande aldeia...

Nesse Poema do Eu de um “Príncipe Vagabundo” autodidata, há para além do pasticho de uma linguagem alta, cerrada, dominadora, vertical, como nos ensinou Erich Auerbach, um comovente apelo de remissão dessa criatura que anseia por sua inserção no mundo cultural e no conjunto da sociedade.

Quem assim escreve, o tal Febrônio, está preso na Ilha Grande. Sua vida tem sido errante e avança de acidente a acidente, sem rumo, sem segurança, sem ancoragem em regime econômico, grupo social, ou familiar. Seu texto é o patético – e incompreensível – apelo de um marginal que ademais sente impulsos sexuais irresistíveis e fora das normas.

...eis a caridade de um laço sagrado, o Santo Tabernaculo-Vivo Oriente imigrou de uma ilha de prisioneiros abandonados o Menino-Vivo Oriente, o herdeiro legal da Chave-Vivente que abre as portas da morte e fecha o poço do abismo...

A assunção do mandato divino chancela a licença para matar (“abre as portas da morte”) enquanto lhe fecha o corpo (“o poço do abismo”).

Mário de Andrade, que conservou o único exemplar do livro de Febrônio que sobreviveu à destruição promovida pela polícia, anotou no seu exemplar de *As Revelações do Príncipe do Fogo* as expressões: “erudição deliciosa”, “harmonioso louvor”, “garboso testemunho”, “noites confusas”, em que destacava a adjetivação de Febrônio.

Na mesma linha, eu acrescentaria certa sensualidade musical, a par da adjetivação inesperada: “coruscante resplendor”, “beneméritos conjuntos austrais”, “engano rebuçado”, “perfume encastoadado”. Nesse livro, relâmpagos são “luzentes testemunhas”, que produzem “luzimento”. Verbos e advérbios são manejados com grande liberdade de imaginação: “adejaram derredor”, “igrejadamente na disposição última do templo Santificado”, “fulguorosamente nas vias subterrâneas dos vales profundos [os minerais] merejam, [...] servindo à minha criação vivente, recorda um soluçado testemunho”, “percutindo lágrimas de imenso prazer”, “usufrutando a piedade”; Febrônio se encanta com mesóclises solenes: acrescentar-vos-ei, emanar-vos-ei, sus-



origi

Photographia de
Feltonio Indio do Brasil
na 4ª Delegacia Auxiliar.

citar-vos-ei, “memoriar-te-ei um hino nos louvores solenes...”, “cingir-vos-ei com preciosos cintos de lindas cores...”.

Alguma poesia comparece involuntariamente nesse livrinho secreto. Sugiro apurar o ouvido:

...já que, prodigiosamente emergido, o eminente antigo, precursor pertinaz do bem, encanto da justiça honrada; no caminho da Luz entre o canal das trevas, manejando espada valente, feliz vivenda edificou...

Além de Mário de Andrade, cuja argúcia crítica lhe permitiu apreciar “a mística poética” de Febrônio, o livrinho teve pelo menos dois outros leitores ilustres: Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto, os amigos inseparáveis que nessa época editavam a revista *Estética*. Encantados com a frase “suscitar-vos-ei grandes peixes mansos”, dela ainda recordavam passados mais de quarenta anos. Viam no fraseado de Febrônio uma manifestação espontânea de surrealismo autóctone.¹¹

Febrônio, profeta reencarnado, apresenta-se, em orações sucessivas, aos elementos da natureza. “Eis-me ó: terra, mares, espaços, vegetais, animais, pedras, nuvens, ilhas, quatro ventos, minerais, montes, águas, jaspe, sardônia, arco-íris etc.” O evangelho de Febrônio é também panteísta e, no seu ordenamento, animista: o menino profeta foi elevado ao plano do Deus todo-poderoso para com ele compartilhar o mistério da Criação.

Para encerrar, invoco, à maneira de nosso escritor e profeta, a palavra de Iahweh, tirada do livro de Jó:

Quem é esse que denigra meus desígnios
com palavras sem sentido?

(Jó, 38, versículo 2)

11. Conforme depoimento ao filme *Acaba de chegar ao Brasil o bello poeta francez Blaise Cendrars* (Carlos Augusto Calil, 1972), reproduzido no livro: EULALIO, Alexandre. *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. 2. ed., revista e ampliada por Carlos Augusto Calil. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial, 2001, p. 553.

Esse que denigra os desígnios do Criador é o inimigo público número 1, o maior marginal brasileiro do século que se encerrou, aquele que, mesmo sem ser submetido a julgamento, padeceu da pena de prisão perpétua, aquele que teve o nome banido das pias de batismo e do Registro Civil, o bicho-papão cuja fuga assombrou o Carnaval de 1935, aquele cujo nome inspirava pânico entre as crianças que tremiam só de ouvir as mães gritarem: “Aí vem o Febrônio!”.

Carlos Augusto Calil é professor do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP. Exerceu funções de direção em órgãos públicos culturais (Embrafilme, Cinemateca Brasileira, Centro Cultural São Paulo) e, de abril de 2005 a dezembro de 2012, foi secretário municipal de Cultura de São Paulo. Realizador de documentários, autor de ensaios e editor de publicações sobre cinema, iconografia, teatro, história e literatura, dedicados a autores como Blaise Cendrars, Alexandre Eulalio, Paulo Emílio Sales Gomes, Glauber Rocha, Leon Hirszman, Joaquim Pedro de Andrade, Federico Fellini, Paulo Prado, Vinicius de Moraes.